

LITARATURA LATINO AMERICANA E HISTÓRIA: CONSIDERAÇÕES ACERCA DO HUMANO, DA HISTÓRIA E UMA FILOSOFIA DA HISTÓRIA EM PABLO NERUDA

Makchwell Coimbra Narcizo
Universidade Federal de Goiás – UFG

Sou onívoro de sentimentos, de seres, de livros, de acontecimentos e lutas.
(NERUDA, 1974, p. 278).

Pero la vida y los libros, las viajes y la guerra, la bondad y la crueldad, la amistad e
la amenaza, hicieran cambiar cien veces el traje de mi poesia. (NERUDA, 1986, p.
104).

Resumo: Alguns literatos latino-americanos nas entrelinhas de suas obras esboçam uma história inerente à história oficial. No presente trabalho, analiso a concepção de história do poeta chileno Pablo Neruda e sua contribuição a essa, entrelaçando nessa sua concepção de humano, tempo e uma filosofia da história.

Palavras chave: América-latina; História; Pablo Neruda.

Abstract: Some scholar Latin Americans, between the lines of their works, draw up a history inherent in the official history. In this assignment, I analyze the Chilean poet Pablo Neruda's conception of history and his contribution to that, linking in that, his conception of human, time and a philosophy of history.

Keywords: America-Latin; history; Pablo Neruda.

Considerações iniciais

Durante muito tempo tentaram compreender a América usando basicamente a historiografia, no entanto há algum tempo isso se tornara impossível, pois sempre houve uma história inerente a história oficial. Entretanto, essa história veio à tona a partir do chamado “boom” literário da década de 1960 do século XX, “boom” esse agora não apenas de multiplicidade de escritores e formas de escrita, o que já vinha ocorrendo há algumas décadas, mas principalmente um “boom” de leitores. A partir desse momento irrompeu-se aos olhos do mundo uma nova América, até então esquecida pela historiografia oficial, pois estes literatos promoviam uma luta contra o esquecimento, fazendo emergir aspectos do passado que haviam

sido silenciados pelas representações oficiais. História essa que muitas vezes estava escondida em pequenas aldeias, povoados ou no mundo rural.

Hoje é impossível escrever uma história da América sem ouvir estas vozes, talvez esse seja o grande desafio da historiografia latino-americana neste início de milênio. Pois, sabemos que é impossível conhecermos a história da Colômbia sem lermos Gabriel Garcia Márquez, ou será que é possível conhecermos a história da Argentina sem ouvirmos o que diz Jorge Luiz Borges? Ou Cuba sem Alejo Carpentier? Ou a Guatemala sem Miguel Argel Astúrias? Como fazer a história do México e de seu povo sem ouvir Otávio Paz e Carlos Góngora? E até mesmo como compreender o Brasil sem vislumbrarmos os Brasis de João Guimarães Rosa, Graciliano Ramos ou Lima Barreto? Se fizermos uma história latino-americana sem ouvirmos essas vozes, será qualquer coisa menos história da América. No presente trabalho darei voz ao poeta chileno Pablo Neruda, destacando sua contribuição a essa história.

1. Pablo Neruda e a voz dos esquecidos

Pablo Neruda é um dos poetas mais consagrados do século XX, agraciado com o Prêmio Nobel de literatura em 1971, sempre causou admiração e desconfiança, amor e ódio, se bem que mais admiração e amor do que desconfiança e ódio, citado pelo brasileiro Vinicius de Moraes como: “*o grande poeta americano*” (MORAES, 1986, p. 351) e pelo poeta granadino Frederico Garcia Lorca como um poeta inigualável “... *A poesia de Pablo Neruda se levanta com um tom, nunca igualado na América, de paixão, de ternura e sinceridade*” (LORCA, 1975, p. 79), mas também criticado por outros como o argentino Jorge Luiz Borges:

Meu compromisso é com a arte, com a estética. Quando escrevo, eu escrevo como escritor, não como político. Mas muitos têm na política um estímulo para fazer arte. Neruda foi um poeta medíocre, dos piores que conheci na vida, mas a política fez dele um grande poeta latino-americano. (BORGES, 1979).

Ou pelo escritor mexicano Gerardo Deniz:

...Neruda dificilmente resistiria ao tempo não fosse seu vínculo com o comunismo, o que implica em dizer que não há sustentação poética em sua obra, mas antes uma fascinação de natureza ideológica por sua pessoa... Estou convencido de que, sem seu comunismo, nem Vallejo nem Neruda seriam tão apreciados (...) (DENIZ, 1972).

Neruda, então Eliecer Neftáli Ricardo Reyes y Basoalto, nascera em Parral uma cidadezinha do Centro-oeste chileno em 1904, mudou-se logo cedo para Temuco uma cidade

ao sul do Chile, região da última reminiscência da resistência araucana no país, graduou-se em pedagogia pela Universidade do Chile aos 22 anos, posteriormente começou sua carreira como diplomata, foi cônsul do Chile em varias localidades como: Japão, China, Ceilão, Singapura, Java dentre outras, nas quais teve contato com varias personalidades políticas importantes como Ghandhi e Nehu, fora posteriormente senador do Chile e candidato à presidência.

Acumulou durante a vida varias amizades, entre as quais algumas pessoas conhecidas como: Frederico Garcia Lorca, Gabriela Mistral (sua professora na infância), Pablo Picasso, Nazim Hikmet, Jorge Amado, Vinicius de Moraes, Rafael Alberti, Paul Eluard, Gabriel Garcia Márquez, Octávio Paz, Gatuso, Aldous Huxley dentre outros.

Entre suas obras mais importantes destacam-se: *Canto Geral*, *Confesso que Vivi*, *Cem Sonetos de Amor*, *Crepusculario*, *Vinte Sonetos de Amor*, *Resistência en la Tierra 1,2 e 3* e *El Verso del Capitan*.

Será nesse importante e influente poeta do século XX que buscarei uma concepção de ser humano, de história, de tempo e posteriormente uma filosofia da história.

2. O humano

Neruda não tinha grande interesse pelo ser humano na juventude, tanto que ele mesmo confessa isso: “Não tinha nesse tempo grande curiosidade pelo gênero humano.” (NERUDA, 1974, p. 38).

Após ter vislumbrado o ser humano em varias partes do mundo, notara que esse é o mesmo em qualquer lugar, pois têm as mesmas necessidades, necessidades materiais para que tenha o mínimo de dignidade, no entanto, as necessidades comuns ao ser humano ultrapassam e muito o material, pois cada um tem seus próprios sonhos, ilusões, amores e desamores, independendo da localidade geográfica em que tenha nascido, crescido ou residido, toda a humanidade faz parte da mesma família e habita a mesma casa, a Terra. Neruda percebeu que todos pertencem a “grande e desventurada família humana.” (NERUDA, 1974, p. 90).

Fora em suas andanças pelo oriente que o jovem Neruda compreendia a importância e a semelhança entre os homens, semelhança, sobretudo, no que diz respeito ao seu sofrimento, fora nessa época que compreendia os sofrimentos de seu povo, como resposta a isso começou a escrever o que para ele e para muitos críticos é sua obra mais importante: o *Canto Geral*, que é acima de tudo uma homenagem a América, suas belezas e principalmente seu povo, assumindo assim sua história de sofrimentos e principalmente, unindo-se à sua esperança. Nessa obra podemos ler declarações de amor que mais parecem um grito invocando os americanos a permanecerem com esperança no viver:

América, não invoco seu nome em vão.
Quando sujeito o coração a espada,
quando agüento na alma a goteira,
quando pelas janelas
um novo dia teu me penetra,
durmo e desperto em sua essencial aurora:
doce como as uvas, e terrível,
condutor do açúcar e o castigo,
empapado em esperma de tua espécie,
amamentando em sangue de tua esperança. (NERUDA, 1979, p. 226-227).

Entretanto, foram os sofrimentos da guerra, em especial da Guerra Civil Espanhola que fez com que ele não só revisse sua concepção, mas assumisse uma nova postura frente ao humano, pois, Neruda além de ver de perto essa guerra perdeu amigos com ela, em especial Federico Garcia Lorca, o qual Neruda considerava seu melhor amigo, escrevendo quando relembrou aquela ocasião que: “Aquele crime foi o acontecimento mais doloroso de uma longa luta.” (NERUDA, 1974, p. 128).

Com isso, Neruda assume uma postura firme frente aos sofrimentos humanos, não apenas colocando sua poesia na defesa destes, mas fazendo com que esse fosse o maior objetivo de sua obra.

Tinha pensado em todos os mundos mas não no homem (...) Minha poesia deteve-se como um fantasma no meio das ruas da angustia humana e começou a subir por ela uma corrente de raízes e de sangue. Desde então meu caminho juntou-se ao caminho de todos. E em seguida vejo que desde o sul da solidão fui para o norte que é o povo, o povo ao qual minha humilde poesia quisera servir de espada e de lenço, para secar o suor e as lágrimas de suas grandes dores e para dar-lhe uma arma na luta pelo pão (...) O espaço então se faz grande, profundo e permanente (...) Não buscamos o mistério, somos o mistério. Minha poesia passou a ser algo material de algo profundamente espacial (...) Um novo continente levanta-se da mais secreta matéria da minha poesia (...) (NERUDA, 1974, p. 155-156).

Esta, portanto, é a compreensão de Neruda acerca do ser humano, compreensão que perpassa sua incrível biografia, o que transformou o jovem alheio ao ser humano em um fervoroso humanista, como ele mesmo gostava de ser classificado, criando assim um poeta com uma sensibilidade tão profunda, escrevendo versos e livros célebres colocando sempre o homem no centro, como ele mesmo dizia: sua obra tem cheiro de humanidade, versos esses

que cravaram o nome Pablo Neruda na história da poesia e da literatura americana e universal.

Para Neruda fora do homem nada tem sentido:

... O homem não será esquecido
É este o tesouro,
Jovens que do fundo da guerra
trazeis um sorriso
que não será afogado,
este é o tesouro:
porque assim é maior a Terra
que todos os astros reunido (...) (NERUDA, 2004, p. 136).

3. A história

“Hay que oír a los poetas. Es una licion de historia.” (NERUDA, 1986, p. 198).

Neruda sempre viu na história um aprendizado extremamente necessário para que saibamos quem somos, por onde passamos, quais os mitos e símbolos que criamos e destruimos para chegarmos como somos até o presente, pois só conhecendo a história podemos conhecer este ser incrivelmente surpreendente, capaz de criar monstruosidades como guerras e mais guerras, mas ao mesmo tempo criar coisas de elevada beleza. Para o autor, a partir do momento que conhecemos esse homem podemos traçar nosso próprio caminho.

En fin, es demasiado prematuro saber de donde vino, si da América o de Paris, el viento que desvirtuó los vejos mitos haciéndolos tomar nuevas formas y la vitalidad que exerce hasta la hora presente. Esta la tarefa de los historiadores. (NERUDA, 1986, p. 192-193).

En Todo hombre se juntam las épocas remotas, la inércia, los errores, las pasiones, las urgências de nuetro, la velocidad de la historia. (NERUDA, 1986, p. 157).

Mas para Neruda existe uma história e uma história oculta, pois, há uma história oficial que é escrita ou contada pelos “donos da história,” “... A história é escrita pelos vencedores ou por aqueles que desfrutam da vitória.” (NERUDA, 1974, p. 170). No entanto, há uma história que engana esses “donos da história”, pois, esta é contada pelos artistas, que são os verdadeiros representantes do povo, só esses transformam a memória do povo em história: “Solo la poesia de los pueblos sustentam esta memória manual.” (NERUDA, 1986, p.161), para o autor essa história oculta é ainda mais forte na América, continente no qual os artistas têm consciência de sua importância para manter viva a verdadeira história de seu povo, pois

só estes conhecem os sentimentos e os anseios desse povo, “Solo los americanos comprendem la América.” (NERUDA, 1986, p. 180).

Para o poeta em nenhum outro lugar os artistas cumpriram tão bem essa missão de contar a verdadeira história de seu povo como na América, pois nós os americanos nos deparamos com essa história a cada dia, quando saímos na rua ou até mesmo quando olhamos no espelho, pois, sabemos a que custo foram roubadas as nossas riquezas, mas inerente a tudo isso está a maior riqueza deste continente, o seu povo.

O ouro está na vitrina dos museus da América do Norte e do México, mas eu não busquei o ouro, mas sim o grito das donzelas afogadas. (NERUDA, 1974, p. 159).

Neruda acreditava que os artistas latino-americanos sempre fizeram a seu modo história, podemos ver isso claramente quando ele faz alusão ao pintor mexicano Diogo Rivera:

Diogo Rivera é um clássico, com essa linha infinitamente ondulante, espécie de caligrafia histórica, foi tecendo a história do México, dando relevo a feitos, costumes e tragédias. (NERUDA, 1974, p. 162).

Com essa consciência de que a verdadeira história é contada pelos artistas, Neruda fez com que sua poesia pudesse ser a voz do povo, para contar essa história de lutas, de batalhas visíveis e invisíveis de um povo sofrido, mas guerreiro, uma história de muitas derrotas mas também de muitas vitórias, sendo a maior vitória a de continuar de pé lutando e sonhando, contando com uma esperança imortal. O poeta chileno fez com que sua poesia fosse a voz do seu Chile, de sua América e de todos os povos do mundo, pois, como dito antes, a humanidade é uma grande família.

A idéia de um poema central que agrupasse as incidências históricas, as consciências geográficas, as vidas e as lutas de nossos povos, apresentou se a mim como uma tarefa urgente. (NERUDA, 1974, p. 137).

4. O tempo

Os dias não se descartam nem se somam, são abelhas que ardem de doçura ou enfurecem o algodão: o certame continua, vão e vêm as viagens do mel à dor. Não, não se desfia a rede dos anos; não há rede. (NERUDA, 1984, p. 49).

Podemos destacar em Neruda dois tempos, que a princípio são distintos, mas que se encontram constantemente, são estes: o tempo individual, no qual cada pessoa tem uma relação pessoal com o tempo e o tempo universal que tende a unir todos os tempos individuais, sendo que esse age constantemente sobre o tempo individual, no entanto, é justamente a relação individual de cada um com essa força do tempo que é universal que faz com que possamos destacar esse tempo individual no autor.

O que chamo aqui de tempo individual é um tempo que não tem uma característica linear, mas uma espécie de continuidade e descontinuidade temporal, na qual se adianta lenta ou rapidamente, dependendo da ocasião, podendo às vezes retroceder da mesma forma, ou caminhar em uma imobilidade vertical, caminhando para frente ou para trás horizontalmente, sendo que em meio a tudo isso está o homem, com seu aprendizado, suas ilusões, desilusões, necessidades, alegrias e tristezas. É frente a esse tempo que o homem adquire aprendizado para poder lidar com o tempo universal que é fixo e soberano, para o poeta é justamente no tempo individual que reside a memória. Neruda considera a memória um mecanismo imprescindível para a construção de uma história verdadeira.

As escadas partem do alto e de baixo e se retorcem subindo. Adelçam-se como cabelos e, após ligeiro repouso tornam-se verticais. Tem marés, precipitam-se, alargam-se, retrocedem. Não terminam nunca.

Quantas escadas? Quantos degraus de escadas? Quantos pés nos degraus? Quantos séculos de passos? De descer e subir com o livro, com os tomates, com o peixe, com as garrafas, com o pão? Quantos milhares de horas desgastadas no degrau, até fazê-lo circular por onde anda a chuva chorando?

Escadas! (NERUDA, 1974, p. 64-65).

Já o que podemos destacar como tempo universal é um tempo linear, pois, leva a humanidade a um futuro inevitável e comum a todos, futuro esse que será tratado posteriormente neste mesmo trabalho quando for abordada a filosofia da história do autor. Esse tempo universal não é mais o tempo da memória, mas sim o tempo da história, pois, une todos os povos em um mesmo destino, independentemente da percepção que cada um possa tirar deste, uma característica interessante desse tempo é que ele tem um peso tão grande que ninguém consegue livrar-se dele.

Os pesados pés do tempo, os pés, os pés do pesado cemitério judeu sob vinte capas de tempo e pó, passam a dançar sobre a ponte, enquanto as águas cor de fumo corriam do passado para a pedra. (NERUDA, 2004, p. 16).

Para Neruda é justamente esse tempo que liga o homem à história, pois, no viver desse homem está enraizada essa força do tempo, no entanto, dependendo das circunstâncias históricas que são resultado da ação deste, muda-se a percepção em relação a esse tempo no indivíduo, mas esse mesmo não percebendo caminha com toda a humanidade para o mesmo lugar.

“Conjuga-se ao som da história, ao canto do tempo invencível.” (NERUDA, 2004, p. 233).

5. A filosofia da história

Quando buscamos compreender a filosofia da história de um autor, seja ele filósofo, historiador, dramaturgo, ensaísta, sociólogo ou poeta é necessário que nessa busca procuremos compreender o que levou essa pessoa a chegar em tal concepção. Nesta análise serão destacados alguns fatores como: os autores os quais Neruda leu e que mais o influenciou, sua relação com a modernidade, com fatores históricos marcantes e também sua adesão a correntes ideológicas. Isso se faz necessário para que possamos compreender a filosofia da história de um autor e não apenas explicitá-la.

Neruda era um amante de livros, começara a ler desde criança, leu diversos autores que muito influenciaram sua poesia, no entanto, destacarei alguns que segundo o próprio autor o influenciaram em sua visão de mundo. Neruda se apropriou bastante da visão de mundo e das relações com esse de alguns autores do chamado “nihilismo russo”, tais como: Tolstoi, Dostoievski e Tchekov.

Posso dizer que Gabriela me iniciou nessa séria e terrível visão dos romancistas russos, e que Tolstoi, Dostoievski e Tchekov entraram na minha predileção mais profunda. Continuam me acompanhando. (NERUDA, 1974, p. 28).

Outro autor que o influenciara bastante e que segundo o autor deu uma direção a sua poesia fora o não muito conhecido poeta uruguaio Sabat Erscaty:

Nesse poeta tinha visto realizada minha ambição de uma poesia que englobasse não só o homem, mas também a natureza, as forças escondidas, uma poesia épica que confrontasse com o grande mistério do universo, e também com as possibilidades do homem. (NERUDA, 1974, p. 54-55).

É necessário destacar que citamos apenas autores que segundo o próprio autor o influenciaram em sua concepção de mundo, não buscamos uma influência em sua escrita, pois, se assim fosse teríamos que destacar a consagrada poetisa chilena Gabriela Mistral que fora sua professora na infância, sendo sua alfabetizadora.

No que diz respeito à modernidade, o poeta chileno acreditava que essa trouxe vários avanços para a humanidade, no entanto, com esses avanços vieram também retrocessos, como a possibilidade da destruição da mesma; entretanto, Neruda era um profundo admirador da razão, pois, considerava que só com essa a humanidade poderia almejar um destino melhor.

No entanto, a razão ganha a partida e é a razão e a base da justiça, que deve governar o mundo... O que não me agrada é isso de “pela razão ou pela força” Pela razão, sempre pela razão. (NERUDA, 1974, p. 341).

Podemos notar que para Neruda a razão será sempre o juiz na luta das forças que tentam mudar o mundo.

Pablo Neruda como todos de sua geração e de certa forma também as gerações posteriores, fora marcados profundamente com os horrores da Segunda Guerra Mundial, considerando que ele já tivera, como exposto anteriormente uma marcante experiência com a Guerra Civil Espanhola, tendo com isso certo desencantamento não com o mundo, mas com os homens do mundo, sendo assim, Neruda era um eterno amante da paz, não cogitava jamais a guerra como um fim nem tão pouco como uma ferramenta de um fim, nem mesmo que esse fim fosse a construção de um “mundo melhor” na concepção do autor. “Para mim a guerra é uma ameaça e não um destino.” (NERUDA, 1974, p. 341). Para Neruda todo ser humano deveria ser não só um preservador da paz, mas também seu promotor.

É público e notório o fato de Pablo Neruda ter sido marxista, de ele ter sido não apenas membro do Partido Comunista Chileno, mas também senador da república pelo mesmo, além de ter sido pré-candidato à presidência de seu país pela Frente da Unidade Popular que unia os partidos da esquerda chilena em 1970, tendo ele renunciado a sua candidatura em favor de Salvador Allende, e participado ativamente da campanha do amigo e futuro presidente, além de ter feito parte de um departamento soviético, A secretaria especial para o Prêmio Lênin de literatura e da paz (Prêmio que mudou de nome passando a chamar-se Prêmio Stálin de literatura e da paz), também é notório o fato de que ele via o socialismo como a solução para o problema das contradições humanas, entretanto, é necessário destacar que Neruda ingressara no Partido Comunista Chileno somente em 1945 quando já tinha 41 anos, sendo que ele via o socialismo como uma opção, a mais plausível para levar o homem a um destino menos sombrio, mantinha firme essa posição desde a época da Guerra Civil Espanhola quando ele mesmo dissera ter feito uma opção pelo homem, assim, o socialismo era visto por ele como uma opção melhor para poder servir esse homem. Portanto, pode-se dizer que Pablo Neruda não fora um marxista que se tornou poeta, mas sim um poeta que se tornou marxista.

Embora tenha me tornado militante muito mais tarde no Chile, quando ingressei oficialmente no Partido, creio ter me definido como um comunista diante de mim mesmo durante a Guerra da Espanha. (NERUDA, 1974, p. 141).

Após ter sido feita uma análise do que é o humano, a história, e o tempo, é perfeitamente compreensível que se faça a pergunta: Para onde então caminha tudo isso na concepção do autor?

Para Neruda a humanidade tem um destino comum, cabe ao homem antes de tudo tomar consciência disso.

Todos los caminos llevan ao mismo ponto: a la comunicaci3n de lo que somos, (...) de la consciencia de ser hombres e de creer en un destino com3n (...) (NERUDA, 1986, p. 454).

Destino a princ3pio 3 um destino tr3gico, correndo o perigo de cair novamente em um abismo a cada ameaça de imrrompimento de guerras, no entanto, cabe ao homem encontrar o que ele chama de “n3 da hist3ria”, desfaz3-lo e conduzir a humanidade para um futuro melhor. Esse “n3 da hist3ria” j3 havia sido encontrado e sido desfeito por L3nin na R3ssia:

Ent3o com modesto
vestido e gorro oper3rio,
entrou o vento,
entrou o vento do povo.
Era L3nin
Mudou a terra, o homem a vida. (NERUDA, 2004, p. 103).
... e logo L3nin
com uma assinatura
no p3 da esperança
mudou a hist3ria. (NERUDA, 2004, p. 99).
... Aqui se cortou o n3
que apertou a garganta
da hist3ria. (NERUDA, 2004, p. 95).

Fica claro que Neruda tem uma concepç3o teleol3gica da hist3ria, e principalmente que esse t3los j3 fora descoberto, por3m, h3 uma ameaça à consumaç3o desse destino, cabendo assim agora que os que o descobriram lutem para que se cumpra o destino da humanidade, mas uma luta sem viol3ncia, na qual a raz3o seja sempre o juiz, e ele lutou para que esse destino se cumprisse durante toda sua vida. “... Vivi para minha poesia e minha poesia sustentou minhas lutas.” (NERUDA, 1974, p. 178).

No entanto, durante sua vida Neruda teve algumas decepç3es com o socialismo implantado, especialmente no que diz respeito a algumas repress3es a artistas, tanto na Uni3o Sovi3tica quanto na China, mas especialmente em Cuba onde a repress3o pairava justamente sobre sua obra, com isso o autor viu que o pr3prio mundo socialista tinha suas contradiç3es, mesmo para ele aquele sendo infinitamente melhor que o capitalista e o destino traçado por esse, contudo, 3 justo ent3o que surja a pergunta: Qual era ent3o o mundo ideal para o poeta? Pelo qual tanto lutara. O pr3prio autor responde:

Quero viver em um mundo sem excomungados. Não excomungarei ninguém. Não direi a esse sacerdote “não publicarei seu poema, sua criação, porque é anticomunista.” Quero viver em um mundo onde os seres sejam somente humanos, sem outros títulos a não ser este, sem serem golpeados na cabeça com uma régua, com uma palavra com um rótulo, (...) nunca entendi a luta senão para que esta termine (...) escolhi um caminho pois acredito que esse caminho leva a todos (...) Fica-me no entanto uma fé absoluta no destino humano... Escrevo sabendo que sobre as cabeças, sobre todas as cabeças, existe o perigo da bomba, da catástrofe nuclear, que não deixaria ninguém e nada sobre a Terra. Pois bem, isso não altera minha esperança, nesse minuto crítico, neste pestanejar da agonia, sabemos que entrará uma luz definitiva pelos olhos entreabertos. Todos nós entenderemos. Progrediremos juntos. E esta esperança é irrevogável. (NERUDA, 1974, p. 239-240).

Considerações finais

Pablo Neruda construiu uma poesia com versos fortes e marcantes, versos que apesar de serem de uma beleza singular, às vezes deixara a estética de lado para poder dar voz a seu povo, dando respaldo a aspectos que outrora passaram despercebidos na narrativa histórica. Fazendo isso de uma forma apaixonada e compromissada com a memória de um continente que ultrapassa e muito os meros quinhentos anos desde a chegada dos europeus.

Evidentemente Neruda ao escrever não faz história e sim poesia, pois história quem faz é o historiador, entretanto, em sua poesia há a articulação entre memória e história, afinal nenhum nem outro pode ser absolutizado como uma verdade superior. Neruda traz a tona aspectos fundamentais da América e de seu Chile que outrora eram tidos como sem relevância, por isso devemos ouvir os literatos latino-americanos, para que possamos conhecer esses aspectos tão relevantes para a construção de uma história compromissada com a identidade latino-americana.

Referências bibliográficas:

- ASTURIAS, Miguel A. *Week End na Guatemala*. São Paulo: Brasiliense, 1968.
- BANDERA, Manuel. *Literatura hispano-americana*. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundo de cultura, 1975.
- BURKE, Peter (Org). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Edunesp; 1992.
- CANAL, Fredo Arias De La. *Antologia de la poesia cósmica chilena*. México: Frente de afirmación hispánica, 2004.

- DOSTOIEVSKI, Fiódor M. *Memórias do subsolo*. 5.ed. São Paulo: 34, 2004,
_____. *Os irmãos Kamarazóvi*. São Paulo: Abril cultural, 1971.
- FINAMOUR, Jurema. *Pablo e Don Pablo*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1975.
- GÓMES, Hilário J. *Lorca y Alberti dos poetas em um espejo (1914-1936)*. Madrid: Biblioteca nueva / Disputación de la cáceres / Institucion cultural El Brocense, 2003.
- JOSEF, Bella. *História da literatura hispano-americana: das origens à atualidade*. Petrópolis, Vozes, 1971.
- JOSET, Jaques. *A literatura hispano-americana*. São Paulo, Martins Fontes, 1987.
- IMBERT, Enrique. *A historia de la literatura hispano-americana*. Buenos Aires / México: Fondo de cultura econômica, 1975.
- LORCA, Frederico G. *Prosa viva / Ideáriocoligado*. Rio de Janeiro: Companhia José Aguiar, 1975.
- MARQUES, Gabriel G. *Cem anos de solidão*. Rio de Janeiro: Record, 1967.
- MISTRAL, Gabriela. *Poema de Chile*. Santiago de Chile / Buenos Aires / México / Barcelona: Pomaire, 1967.
_____. *Poesias escolhidas*. Rio de Janeiro: Ópera Mundi, 1971.
- MORAES, Vinicius de. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.
- MORSE, Richard. *O espelho do próspero*. São Paulo: Companhia das letras, 1998.
- NERUDA, Pablo. *Ainda*. Rio de Janeiro: José Olimpíio, 1984.
_____. *A rosa separada*. Porto Alegre: LiPM, 1981.
_____. *As uvas e o vento*. Porto Alegre: LiPM Poket, 2004.
_____. *Canto Geral*. São Paulo: Difel / Difusão, 1979.
_____. *Confesso que vivi: memórias*. São Paulo: Circulo do Livro, 1974.
_____. *Para nacer he nacido*. 5.ed. Barcelona: Editorial Bruguera, 1986.
_____. *20 poemas de amor e uma canção desesperada*. 9.ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olimpíio, 1972.
- RÜSEN, Jörn. *Razão Histórica. Teoria da história: os fundamentos da razão histórica*. Brasília: Editora UNB, 2001.
- SALLES, Fitz. *Miguel Angél e a novela política hispano-americana*. In: Brasileira de estudos políticos, UFMG, VIII, n 06, julho de 1958. P 152-171. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1959.
- SKÁMETA, Antonio. *O carteiro e o poeta*. Porto Alegre: LiPM, 1981.